

CAMINHOS DA PRODUÇÃO LEXICAL

Antônio José SANDMANN (Universidade Federal do Paraná)

ABSTRACT: Caminhos da Produção Lexical "Ways of lexical production" discusses the problem of determining the direction of some specific and more difficult cases of word-formation rules. If we take, for instance, a new complex word as "desregulamentação" we can establish, considering the various possibilities of portuguese word-formation, two different ways of going from the basic verb "regular" to the "nomen actionis" "desregulamentação" (regular + -mento = regulamento + -ar = regulamentar + -ção = regulamentação + des- = desregulamentação), or (regulamentar + des- = desregulamentar + -ção = desregulamentação). On the other hand, as you can see in section 3.3 below, the meaning revealed by the paraphrase of "inutilizar" = "to make useless" not "not-to utilize" shows us that there is only one possible way: útil - "useful" - inútil - "useless" - inutilizar - "to make useless"

1. Introdução

Ao formar-se uma palavra complexa segue-se um caminho de síntese, que pode ostentar mais estágios. Procurar estabelecer uma seqüência entre esses vários estágios - seqüência não necessariamente cronológica, pois isso seria tarefa de enfoque diacrônico - é um trabalho de análise que nos propomos fazer a propósito de alguns aspectos da produção lexical do português. Não se pretende, naturalmente, fazer uma abordagem abrangente, como se acabou de dizer, de todos os processos de formação de palavras do português, mas tão somente de alguns que oferecem problemas ou oferecem aspectos

particularmente interessantes. Tomando, por exemplo, uma formação como enfraquecimento, temos a seguinte seqüência: 1) en- + fraco + -ecer = enfraquecer, 2) enfraquecer + -mento = enfraquecimento, o que poderia também ser representado da seguinte maneira:

en fraqu eci mento,
2 1 2 3

isto é, juntando simultaneamente ao adjetivo fraco o prefixo en- e o sufixo -ecer obtemos o verbo enfraquecer; palavra do português, e, numa segunda etapa, juntando o sufixo -mento ao verbo, temos como produto enfraquecimento, sendo que esses caminhos são próprios do português, pois atestáveis em numerosos outros exemplos: duro - endurecer - endurecimento, grande - engrandecer - engrandecimento, branco - embranquecer - embranquecimento etc. O argumento de que o prefixo en- e o sufixo -ecer são acrescidos simultaneamente ao adjetivo fraco obtemos do fato de normalmente não termos verbos só com o sufixo -ecer acrescido ao adjetivo: não temos, no caso das formações acima, fraquecer, durecer, grandecer, branquecer. O fato de termos enfraquecer como forma livre na língua nos autoriza, por outro lado, a afirmar que enfraquecimento, palavra mais complexa, vem de enfraquecer, o que é corroborado, uma vez, pelo fato de a nominalização de verbos ser, no português, um fato quase universal e, outra vez, pelo fato de verbos em -ecer se nominalizarem infalivelmente pelo acréscimo do sufixo -mento e não com os sufixos sinônimos -ção, -dura, -agem ou pela chamada derivação regressiva.

No caso analisado acima enfraquecimento a direção seguida era uma só. O mesmo não se há de dizer da palavra descentralização, por ex., para a qual podemos apontar caminhos diferentes:

des centr al iza ção
5 1 2 3 4

ou
des centr al iza ção,
4 1 2 3 5

sendo que podemos ter o caminho

centralizar - centralização - descentralização

ou o caminho

centralizar - descentralizar - descentralização.

no que não se questiona qual a ordem cronológica efetivamente ocorrida, mas o que a língua apresenta de caminhos possíveis, em outras palavras, quais os modelos ou regras de formação de palavras efetivamente permitidos e produtivos e que nos podem levar a um determinado resultado. Vale, pois, aqui a afirmativa de Basílio (1987, p.13):

"As palavras não são formadas apenas por uma simples seqüência de elementos constitutivos; elas são também estruturadas em camadas que podem atingir vários níveis."

Parafraseando a autora acima, podemos dizer que, admitindo embora que a linguagem é linear, a seqüência de elementos que constituem uma palavra complexa não é meramente espacial ou física, senão que essa seqüência se deu pela obediência a modelos de produtividade lexical formalizáveis da língua em estudo.

Outra pergunta que vale fazer aqui é a de Matthews (p.42):

"In addition, can one always say that lexeme a is synchronically prior to lexeme b?"

Em outras palavras, em que sentido se há de dizer que pata é derivado de pato ou monotematismo é derivado de monotemático ou este daquele? Voltando a Matthews (ib.) diríamos com ele:

"So far as the stems are concerned, it seems more revealing to say that cugino/cugina, zio/zia are terms in a perfectly

symmetrical or 'equipollent' relationship."

Propomo-nos, pois, no presente trabalho, discutir critérios válidos para estabelecer a direcionalidade de algumas regras de formação de palavras do português.

2. Diacronia x sincronia

Parece-nos oportuno realçar o fato de que é preciso distinguir o que nos diz a diacronia sobre a seqüência seguida, num determinado caso, do que nos diz a sincronia. No caso, p.ex., de endividamento e abastecimento, registradas pelo Aurélio, podemos dizer que a seqüência com relação a desendividamento e desabastecimento (Folha, de 26.01.89, p.B-2 e 27.01.89, p.B-2, respectivamente) é diacrônica e sincronicamente a mesma: estas formas foram formadas depois daquelas no tempo, aspecto diacrônico, e a língua portuguesa conhece o modelo de formação de palavras que acrescenta o prefixo negativo des- a nomes terminados em -mento. Já no caso dos pares sarampo - sarampão e o inglês peddle - peddler não há coincidência de ponto de vista. Diacronicamente sarampão e peddler são anteriores a sarampo e peddle, enquanto a sincronia diz o contrário. É que em sarampão e peddler, embora não complexos originariamente, se viram os sufixos de aumentativo -ão e agente -er, respectivamente, sendo formados, em virtude de uma falsa análise, sarampo e peddle. Sincronicamente são, por sua vez, perfeitos os pares sarampo - sarampão e (to) peddle - peddler, tendo em vista as regras de formação do aumentativo de substantivos, do português, e de substantivos agentivos a partir de verbos, do inglês.

Outros exemplos em que podem diferir os pontos de vista da análise diacrônica e da análise sincrônica seriam os pares experimental - experimento e legislar - legislador. Pelo Aurélio, experimento vem do latim experimentu e legislar é derivação regressiva de legislador. Ora,

do ponto de vista sincrônico experimento é um nome de ação derivado de experimentar e legislador é um agentivo formado a partir de legislar. Estranhos são, sob o ponto de vista em estudo, alguns comportamentos lexicográficos do Aurélio: De passável, p.ex., o Aurélio dá apenas a estrutura (passar + -ável), aspecto sincrônico, de amável é dada somente a origem (do lat. amabile), aspecto diacrônico, e de louvável não é dada nem a estrutura nem a origem.

Para concluir, poder-se-ia perguntar em que divergem os pontos de vista diacrônico e sincrônico. Em primeiro lugar, a diacronia da língua não faz parte da competência lexical do falante. Depois, a sincronia, indiferente às mudanças que aconteceram no tempo, pergunta pelo que é possível no funcionamento atual do sistema da língua, e nesse sentido passável, amável e louvável são adjetivos derivados dos verbos passar, amar e louvar, apesar das extensões ou modificações de sentido verificáveis, principalmente em amável, eis que a semântica não é simplesmente "que pode ou é digno de ser amado". No caso de passável é estranho o fato de a base, o verbo passar, ser um verbo intransitivo, sendo que hoje só se formam adjetivos em -vel a partir de verbos transitivos, em geral transitivos diretos.

3. Tipos de caminhos

Observando a direção seguida pelos processos de formação de palavras podemos distinguir três tipos de caminhos: o facultativo, o preferencial e o obrigatório.

3.1. Caminho facultativo

Quando uma etapa de uma palavra complexa pode ter sido alcançada por mais de uma regra ou modelo de formação de palavras, podemos falar em caminhos facultativos. Verificando, p.ex., que o Aurélio registra conservadorismo e ultraconservador podemos admitir

que ultraconservadorismo (Folha, 18.04.89, p.A-2), pode ter sido formado por sufixação (ultraconservador + -ismo), ou por prefixação (ultra- + conservadorismo), eis que ambos os caminhos são possíveis, isto é, -ismo se prende a adjetivos/substantivos para formar substantivos abstratos e ultra- se une também a substantivos para modificá-los ou especificá-los, tendo-se como resultado uma prefixação. Aliás, parafraseando ultraconservadorismo, temos tanto "conservadorismo extremo" como "qualidade de ultraconservador". O Aurélio registra, por outro lado, estatizante e desestatizar, que podem ser a base de desestatizante (Folha, 11.10.89, p.A-2), quer por prefixação (des- + estatizante), quer por sufixação (desestatizar + -nte), pois a língua portuguesa conhece ambos os modelos de formação de palavras.

Apresentando os caminhos que levaram à palavra complexa descentralização, Basílio ('87,14) apresenta o seguinte quadro:

<u>des</u>	<u>centr</u>	<u>ali</u>	<u>za</u>	<u>ção</u>
4	1	2	3	5

sendo que, como já mostramos na introdução deste trabalho, o quadro seguinte também é possível:

<u>des</u>	<u>centr</u>	<u>al</u>	<u>iza</u>	<u>ção</u>
5	1	2	3	4

Outros exemplos de palavras complexas que podem ter sido alcançados por caminhos diferentes são: reescalamento (de reescalonar e de escalamento), inseparabilidade (de separabilidade e de inseparável), descongelamento (de descongelar e de congelamento), acebolado (por adjetivação de acebolar ou por derivação parassintética: a- + cebola + -ado) e insensatez (de in- + sensatez ou de insensato + -ez).

3.2. Caminho preferencial

Quando o Aurélio diz que imperecível é formado por prefixação (in- + perecível), não se podem fazer objeções, pois tanto perecível como imperecível são formas correntes. Já quando ele diz que

imperdível também é uma prefixação (in- + perdível), ficamos em dúvida se imperdível não é antes uma derivação parassintética (in- + perder + -vel), pois é muito mais freqüente do que perdível: "Se você não tem tempo, arranje. Esta série é imperdível." (Folha, 03.04.89, E-3). A respeito de outros pares minha competência lingüística me diz igualmente que os com o prefixo negativo in- são bem mais freqüentes do que os sem esse prefixo: sofismável - insofismável, oxidável - inoxidável, tocável - intocável, esquecível - inesquecível, olvidável - inolvidável, recorrível - irrecorrível. Esse fato nos leva a admitir que temos uma derivação parassintética e não uma prefixação, caminho também possível mas não privilegiado. E essa suposição é reforçada por dois fatos: 1) o Aurélio registra imbatível, porém não batível, e de imbatível diz que é formado por derivação parassintética (in- + bater + -vel); 2) registramos como formações novas, entre outras, inescondível e incomprovável (Folha, 06.06.90, p.A-3 e 11.09.90, p.A-7, respectivamente), sendo que o Aurélio também não registra escondível e comprovável, que poderiam servir de base para aquelas. Parece-nos ser, pois, possível concluir desses fatos que, para a formação de adjetivos em -vel e com o prefixo negativo in- a partir de verbos, a derivação parassintética é o caminho preferido à sufixação seguida da prefixação - ressalte-se, a propósito, como se verá no item seguinte, que a prefixação do verbo (in- + esconder = *inesconder) é um caminho proibido, pois o in- negativo não pode, hoje, ser anteposto a verbos.

3.3. Caminho Obrigatório

Diferentemente dos casos analisados nos dois itens anteriores, em que a direção seguida era facultativa ou preferencial, serão apresentados aqui caminhos obrigatórios, isto é, a semântica trazida à tona pela paráfrase mostra que só um caminho é possível ou o modelo de formação de palavras que produziu uma determinada palavra complexa sofre restrições que excluem determinado caminho. De certa

maneira poderíamos falar também de caminhos proibidos. Exemplos em que a semântica revelada pela paráfrase mostra que o caminho foi um e não outro são, p.ex., inviabilizar e inutilizar, "tornar inviável" e "tornar inútil", respectivamente, e não "não viabilizar" e "não utilizar": em ambos os casos temos uma sufixação: inviável + -izar e inútil + -izar. Outro exemplo é desgostoso, fruto de prefixação seguida de sufixação (gosto - desgosto - desgostoso) e não de sufixação seguida de prefixação *(gosto - gostoso - desgostoso), pois a semântica de desgostoso é "que tem desgosto" e não "não-gostoso". O Aurélio parafraseia inabilitar como "tornar inábil" e incapacitar como "tornar incapaz" e não "não habilitar" ou "não capacitar", o que mostra que o caminho trilhado é o da sufixação: inábil - inabilitar e incapaz - incapacitar.

Em Sandmann (26) foi constatado o seguinte:

" Das 26 formações novas listadas 10 são verbos e 16, substantivos. Os substantivos têm, em geral, bases que são substantivos designativos de ação terminados em -ção e -mento e derivados de verbos. Mas também os substantivos não terminados em -ção e -mento, por exemplo descoberta = redescoberta, indicam ação. Isso revela, pois que re-, contrariamente ao sufixo in- (veja acima 2.1.14), se une a palavras que expressam um processo."

Exemplo disso temos em reconfortar, que é resultado de prefixação (re- + confortar) e não de prefixação do substantivo mais usado como estático do que dinâmico conforto seguida de sufixação *(conforto - reconforto - reconfortar). O próprio Aurélio admite a prefixação re- + confortar = reconfortar, sendo que erra quando diz que reconforto é fruto de prefixação (re- + conforto = reconforto), pois o certo seria ver em reconforto uma derivação deverbal regressiva (reconfortar - reconforto), eis que reconforto tem grade temática igual à do verbo reconfortar (v. adiante o item 5 "Derivação Regressiva") e

não vemos como interpretar reconforto como re- + conforto "novo conforto". O caso em exame é um exemplo em que uma restrição sofrida por uma regra de formação de palavras - re- só se junta a bases dinâmicas - impede seguir por determinado caminho. Outro exemplo de caminho obrigatório condicionado por restrição à produção lexical é o de formações com o prefixo negativo in-: para chegar a inevitável, inconvincente ou irreparável, p.ex., o caminho não é a prefixação dos verbos (*inevitar, *inconvencer ou *irreparar), pois in- não se junta hoje a verbos, sendo que a direção seguida é a sufixação dos verbos (evitável, convincente, reparável), seguida da prefixação do adjetivo (inevitável, inconvincente, irreparável), sendo que no caso dos adjetivos em -vel se pode aceitar também a derivação parassintética: in- + evitar + vel, in- + reparar + -vel (v. item 3.2 acima). No caso de desaprendizagem (Tribuna Alemã, n.274, p.15), finalmente, o caminho é a prefixação de aprendizagem (des- + aprendizagem), pois seria difícil, num texto técnico, uma prefixação do agentivo aprendiz (*desaprendiz), seguida da sufixação (desaprendizagem). Em texto jornalístico ou outro de carga fortemente emocional se poderia admitir desaprendiz no sentido de "mau aprendiz", mas não em texto técnico. Caso semelhante é o de desprefeito (capa da revista Afinal n. 145, de 09.06.87), em que se falava de um "mau prefeito" ou de deseleitor, em que eu quis significar que Alvaro Dias antes tiraria votos do que traria eleitores para Roberto Requião.

4. Derivação parassintética

A adição simultânea de um prefixo e de um afixo a uma base, pelo que temos observado mais freqüentemente um substantivo, processo de formação de palavras chamado derivação parassintética, é um fato normalmente admitido nas gramáticas tradicionais e tem sido tratado em muitos estudos lingüísticos, destacando-se no português Basílio (1987, 43ss.), ao qual remetemos o leitor e a cujas

considerações se pretende acrescentar algumas observações aqui. Na análise da derivação parassintética merece destaque o fato de no sufixo caber a função semântica: "de volta" em repatriar, "para dentro" em enjaular, "intensidade" em esmurrar etc., sendo de destacar que essa semântica não é tão nítida em amanhecer, entardecer e apedrejar. Ao sufixo, por sua vez, cabe função sintática, em primeiro lugar, isto é, um substantivo/adjetivo juntamente com um prefixo é transformado em verbo (enlatar, expatriar), sendo que às vezes acresce à função sintática uma função semântica: por exemplo a idéia incoativa em anoitecer e amolecer e a freqüentativa em apedrejar e esbravejar.

Aspecto de natureza pragmática é a existência de numerosos verbos parassintéticos que expressam a intervenção do homem na natureza, digamos humana (descabelar, desvirginar), animal (desossar, descarnar) ou vegetal (descascar, desflorestar ou reflorestar), merecendo destaque o fato de não haver verbo, formado apenas por sufixação, para expressar o fenômeno natural (*ratizar, *insetizar e *natar, porém desratizar, desinsetizar e desnatar).

Se admitirmos que na derivação, tanto na prefixação como na sufixação, temos uma estrutura sintática binária, isto é, DT-DM (miniministério, prefixação, ideologizar e libanização, sufixações) ou DM-DT nas sufixações com morfema de grau (rapazinho, rapazote, rapazelho e rapagão), é de perguntar como estabelecer a estrutura dos derivados parassintéticos em que entram simultaneamente três elementos. Parece-me que a solução, se é que a questão é de natureza relevante, é considerar prefixo + base o DT e o sufixo DM, o que se justifica, em primeiro lugar porque o sufixo promove a mudança da classe de palavra e, em segundo lugar, transparece na paráfrase, que revela a semântica existente: enlouquecer "transformar em louco", engavetar "pôr na gaveta".

Há prefixos que, salvo melhor juízo, só se prestam hoje a formar palavras quando formativos de derivações parassintéticas. Nossa afirmativa se baseia no fato de não termos, em seguidos anos de pesquisa, encontrado formações prefixais novas com a-, do lat. ad

(apor), com en-, do lat. in- "para dentro" (encerrar) e es-, do lat. ex- (escandescer). Aliás, também não temos encontrado derivações parassintéticas com o último sufixo citado, encontrável em formações mais antigas como esmurrar (es- + murro + -ar), esverdear (es- + verde + -ear) e espernear (es- + perna + -ear). Derivações novas com a- e en- temos a registrar: acaudilhar (Jornal do Brasil, 19.07.84, 1o. Caderno, p.10) e ensombrecer (O Estado de São Paulo, 1o. Caderno, p.2). A propósito é preciso não confundir o en- e o a- das formações acima com o en- e o a- pleonásticos: embaralhar, alevantar. Observe-se também que a diferente grade temática de caminhar, intransitivo, e encaminhar, transitivo direto ou transitivo direto e indireto, nos mostra que encaminhar é uma derivação parassintética (en- + caminho + -ar) e não uma prefixação de caminhar (en- + caminhar).

Observe-se, finalmente, que os seguintes exemplos, colhidos em periódicos ou rótulos de gêneros alimentícios, dão testemunho da produtividade atual da regra de formação de adjetivos parassintéticos: apijamado (Folha, 18.05.90, p.A-2: o texto faz referência a militares reformados), abolerado (Folha, 03.03.90, p.A-2: "(...) o ritmo abolerado da frescologia (...)"), apresuntado (de rótulo: a palavra é usada, aliás, substantivamente), achocolatado (de rótulo), descuecado (Folha, 07.05.90, A-2: "Estão percebendo que os descamisados vão acabar descuecados.") e destramelado (Folha, 10.01.90, p.B-2: "Pois vamos esnoabar em matéria de planejamento da economia destramelada do Brasil.").

5. Derivação regressiva

Como a derivação parassintética, a derivação regressiva é admitida pelas gramáticas tradicionais e objeto de discussão freqüente em obras de lingüística lexical, merecendo destaque, entre outras, as de Basílio (1980, 1987) e Gamarsky (1988), para as quais, aliás,

remetemos o leitor e à quais queremos acrescentar algumas observações por nós feitas. Como a forma dita regressiva (descasca ou descasque) é menor que a forma verbal de que se diz que ela provém (descascar) e como há, ao lado daquela, outros substantivos deverbais com um claro acréscimo (descascamento, descascadura) e, além disso, a vogal final dos regressivos ser imprevisível (desmamar - desmame, aumentar - aumento, devassar - devassa) e os verbos todos terem a vogal temática -a- (exceção são alguns mais antigos: fugir - fuga), há a tentação de estabelecer a direcionalidade descasca - descascar, porém descascar - descascamento (v. Basílio 1980, p.75ss.), o que é, no mínimo contra-intuitivo se considerarmos o paralelismo a descasca do café - o descascamento do café, em que descasca e descascamento mostram ter a mesma grade temática. Ponderem-se, a propósito, também coordenações como as encontráveis nas seqüências "Laboratório de Ensino e Aprendizagem", "Serviço de Busca e Salvamento", "Grupo de Busca e Apreensão", "Sindicato das Empresas de Compra, Venda, Locação e Administração de Imóveis do Estado de São Paulo" (Folha, 20.07.90, p.A-3), ou do trecho mais longo:

"Nas últimas semanas a política industrial registrou alguns avanços importantes e inesperados, tais como o começo do desmonte da política de informática, a remoção da exigência de prazo para financiamento externo em importações acima de US\$ 200 mil e o deslanche da atuação antitruste do governo através da Secretaria Nacional de Direito Econômico (SNDE), (...) O avanço na liberalização das importações, bem como a atuação da SNDE, não parecem ter outro propósito (...)." (Folha, 08.10.90, p.B-2).

Considerando os elementos coordenados "ensino e aprendizagem" e "busca e salvamento", p.ex., parece que a igual dinamicidade dos pares, herdada da base verbal, e o próprio uso coordenado falam a

favor de uma direção igual do processo de formação.

Parece-me também difícil admitir, como quer Lobato (1ss.), que de tropel, p.ex., se formam atropelo (substantivo) e atropelar, independentemente. Há duas razões para isso: ao lado de atropelo, temos o deverbal sufixal (atropelamento), cuja origem verbal ninguém discute. Como atropelo e atropelamento têm a mesma grade temática e são de natureza dinâmica como o verbo atropelar, parece-me ser coerente atribuir-lhes a mesma origem. Outros exemplos seriam: aba - desabar - desabe/desabamento, grosso - engrossar - engrossada/engrossamento, via - aviar - avio/aviamento etc. Falam também contra o posicionamento de Lobato nomes de ação que só podem ser derivados do mesmo verbo porque o verbo não conhece sincronicamente um substantivo/adjetivo anterior: esfolar - esfola/esfolamento/esfoladura, manusear - manuseio / manuseamento / manuseação, liberar - libera / liberação, reclamar - reclamo / reclamação, achincalhar - achincalhe / achincalhação / achincalhamento.

Como mostra a seqüência "Sindicato das Empresas de Compra, Venda, Locação e Administração de Imóveis (...)", a natureza verbal é igualmente inerente aos quatro substantivos sublinhados, o que fala a favor de sua origem de base verbal. Considere-se a propósito que também adjetivos derivados de verbos têm essa natureza dinâmica: frustrante, desgastante, contestatório, retaliatório, aglutinador, alfabetizador, os quais, com maior ou menor facilidade, podem ser usados na frase também como substantivos.

Um fato, finalmente, como ocorrência de sacio (Folha, 20.05.90, p.E-4: "Excesso, sacio de entretenimento de toda espécie."), se não serve de argumento probatório a favor da existência do processo da derivação regressiva deverbal dentro de uma abordagem sincrônica, serve ao menos de indício ou de oportunidade para o levantamento da hipótese de que esse processo existe. Saciar é um verbo relativamente freqüente na modalidade-padrão do português e o Aurélio registra também saciação, de cuja existência nunca tínhamos tomado

conhecimento. Porém sacio não está registrado e também nunca tínhamos ouvido ou lido essa formação, cunhada pelo modelo aviar - avio, enviar - envio e outros. Como dissemos acima, o aparecimento de sacio não é um argumento probatório, mas é um indício, um alerta para a possibilidade da existência do modelo de formação de palavras chamado "derivação regressiva deverbal".

Como última observação, acrescentaríamos ao que foi dito no início desta seção sobre a vogal final das formas ditas regressivas (rebrora, implante, retardo) que, no caso de formações cuja base são verbos parassintéticos (foco - enfocar - enfoque), temos coligido numerosos exemplos em que essa vogal é diferente da vogal final da base que deu origem ao verbo:

justo - ajustar - ajuste (justo, mas ajuste),
bunda - desbundar - desbunde,
tarde - retardar - retardo,
talha - entalhar - entalhe,
fruta/fruto - desfrutar - desfrute,
mama - desmamar - desmame,
rede - enredar - enredo etc.

De certa forma pode-se dizer, pois, que, se a vogal final dos deverbais regressivos não é previsível, se pode prever que forma ela não terá ou qual ela não será dentre as três possíveis.

6. Salto de etapa(s)

Fenômeno observado com frequência na formação de palavras novas do português é o que passamos a chamar de "salto de etapa(s)". Se temos palavras como Iraque e Líbano e aparecem iraquização e libanização (Folha, 01.10.90, p.A-10, e 09.10.90, p.A-10, respectivamente) sem que se tenham formado os verbos iraquizar e

libanizar, podemos, parece-me, falar em salto de etapa, solução melhor do que admitir o sufixo duplo -ização, pois, de fato, em libanização e iraquização temos, fonológica, sintática e semanticamente presentes o sufixo verbal -izar e o sufixo nominal -ção. Tomando uma formação nova como dessazonalização (Folha, 11.05.90, p.B-1) e considerando que o Aurélio registra apenas sazonal, podemos admitir o salto de duas etapas (sanzonal - sanzonalizar e sazonalizar - dessazonalizar) para chegar à última etapa: dessazonalizar - dessazonalização. Outros exemplos de salto de duas etapas temos em descontendizado (Folha, 29.07.90, p.E-3) - o Aurélio traz apenas conteúdo - e desnazificação (Folha, 21.07.90, p.A-3) - o Aurélio não traz nazificar, nem desnazificar ou nazificação. Mais exemplos de salto de uma etapa temos em: sectarização, rotinização, unidimensionalização, cartelização, sexualização, verticalização, financeirização, drageadora (o Aurélio também não traz dragear), muxoxentamente (o Aurélio também não traz muxoxento) e narcisístico (o Aurélio também não traz narcisista). É naturalmente oportuno e importante observar que estamos diante de processos muito produtivos, por assim dizer diante de caminhos abertos à produtividade lexical (v. Sandmann 1988, 39ss.), com destaque à formação de verbos em -izar seguida da nominalização fatal com o sufixo -ção.

O que nos intriga nesse contexto é a formação do nome de ação musculação, formado de músculo sem o intermédio de verbo -muscular que não existe. Que é um nome de ação atestam palavras lidas na entrada de academia: "muscle building". Com esse exemplo comparem-se vigamento, filamento, madeiramento, e barroteamento, simplesmente coletivos, substantivos estáticos, em que a -mento cabe a função semântica de indicar coleção.

7. Conversão x elipse

Diante de uma palavra que se comporta como uma forma de uma classe gramatical e que originariamente pertencia a outra classe (poder = substantivo é originário de poder = verbo) ou diante de uma palavra que assumiu outra subclasse (a segurança = substantivo feminino e o segurança = o guarda de segurança), pode-se perguntar se o caminho seguido foi o da abreviação chamada elipse (o chefe imediato = o imediato) ou a conversão (senão = substantivo originário de senão = conjunção, que por sua vez, é a combinação da conjunção se + não) - fique claro que os argumentos que se apresentarem devem ser exclusivamente sincrônicos. Quanto ao rótulo "elipse", esclareça-se que ele é uma forma de abreviação de sintagma nominal, havendo outros tipos de abreviação: (a) minissaia = (a) míni, japonês = japa etc. Se compararmos, p.ex., parecer (substantivo) com diário (substantivo), sinônimo de jornal diário, vemos que diário está pelo todo maior jornal diário, o que não temos com parecer. Diário, abreviação de jornal diário, é uma elipse, enquanto parecer é uma conversão - consideramos parecer, enquanto verbo, forma básica por seu corpo fonológico próprio do infinitivo dos verbos e por sua semântica ser mais geral ou básica. Quando a semântica de um elemento que mudou de classe ou subclasse gramatical não depende, portanto, do contexto ou da situação de discurso, dizemos que houve conversão: (estar numa) boa, (cada um na) sua, a alta (do custo de vida), (cair na) real, (estudar no) exterior, (ministro do) Interior. Quando a semântica de uma palavra que mudou de classe ou sub-classe gramatical se completa no contexto ou subentende outros elementos, dizemos que houve elipse: mass communication media = mass media = media (português mídia), o exame de madureza = (o) madureza, o exame/concurso vestibular = (o) vestibular, o jogador de reserva = (o) reserva, a aranha caranguejeira = (a) caranguejeira, o período pós-operatório = (o) pós-operatório, o avião de caça = (o) caça, forma que temos no composto (o) caça-bombardeiro, zero quilômetro = zero, forma freqüente em carro

zero (quilômetro) e que conhece até o superlativo zeríssimo, próprio de adjetivos e não de numerais cardinais, o filme de longa/curta metragem = o longa-/curta-metragem = o longa/curta.

Observe-se que em outros tipos de abreviação a forma abreviada também equivale ou está pelo todo, podendo haver diferenças de uso: (a) maxissaia = (a) maxi, (o) microcomputador = (o) micro, (a) microempresa = (a) micro, (o) delegado = (o) delega, (o) automóvel = (o) auto.

Focalizando a conversão, por sua vez, podemos observar que há estágios diferentes de mudança de classe: ser e dever, p.ex., têm, por um lado, um paradigma flexional completo de verbo e, por outro, um paradigma flexional de substantivo (ser - seres, dever - deveres), sendo que até um diminutivo se pode formar: serzinho, deverzinho. Já monstro, de que o Aurélio diz que, além de substantivo, é adjetivo de dois gêneros e dois números, não tem como adjetivo paradigma flexional próprio dessa classe gramatical: comício monstro, comícios monstro, passeata monstro, passeatas monstro. Gigante, por outro lado, conhece plural como adjetivo: comício gigante, comícios gigantes, porém não flexão de gênero: passeata gigante, passeatas gigantes, o que é normal em adjetivos terminados em -e. Pode-se concluir daí que há processos de conversão no final do caminho e processos no meio do caminho, o que é próprio de línguas naturais, sistemas de comunicação em ininterrupta mudança.

8. Derivados de acrônimos, compostos e grupos sintáticos

É, sem dúvida, interessante observar que também de siglas ou acrônimos, de palavras complexas e de grupos sintáticos se podem derivar palavras: de acrônimos: PT = petista, OTN = otenização, DDT = dedetetizar, CIP (produto) cipado; de prefixações: pós-moderno = pós modernização (Folha, 12.02.90, p.E-18), contra-revolução = contra-revolucionário; de compostos: mata-junta = mata-juntar,

pára-quedas = pára-quedista e pára-quedismo; de grupos sintáticos: Terceiro Mundo = terceiro-mundista; quatro anos = quatro-anista, cinco anos = cinco-anista (as duas últimas formações referem-se à campanha de Sarney pelo mandato de cinco anos), quarto-ano = quartanista, quinto ano = quintanista, as duas últimas com elipse, Rede Globo = rede-globista (Folha, 27.06.90, p.A-2), Observe-se que no caso dos derivados acima de prefixações, a paráfrase revela que se trata de sufixações de palavras anteriormente prefixadas e não de prefixações de palavras já sufixadas: pós-modernização = "ato de pós-modernizar" ou "ato de transformar em pós-moderno" e não "depois da modernização", contra-revolucionário = "que é adepto da contra-revolução" e não "contra o que é revolucionário".

9. Morfema de gênero dos substantivos

Ao se considerar o problema da direcionalidade no caso da adjunção do morfema de gênero dos substantivos, temos, basicamente, duas situações a considerar: a primeira é aquela em que há um simples acrescentamento, em geral de um morfema formador de feminino a uma base masculina (barão - baronesa, professor - professora); a segunda é aquela em que há uma alternância no final da palavra; macaco - macaca, pato - pata, imperador - imperatriz - note-se que a relação paradigmática entre barão - baronesa e pato - pata é a mesma que há entre pai - mãe e bode - cabra, estes últimos casos de heteronímia. Quando temos um claro acréscimo, isto é, não se tira o que pode ser considerado marca de masculino para acrescentar a de feminino (caso de ganso - gansa), mas há apenas uma adição (escritor - escritora), a direção parece clara: a forma menor é a base e a forma mais encorpada é a derivada. Observe-se que isso vale também para casos como galo - galinha, embora galinha seja a forma com que se indica a espécie animal (criação de galinhas não exclui a de galos), sendo que na dupla perdiz - perdigão, exemplo sincronicamente não

tão transparente (diacronicamente temos perdice - perdiz e perdicore - perdigão), o feminino perdiz, a base, é usado para indicar a espécie. Independentemente, pois, do fato de a forma com acréscimo simples de morfema ser mais geral ou não-marcada em termos de referência à espécie, caso de galinha, p.ex., ela é considerada derivada.

Quando o gênero do substantivo é indicado por morfemas alternativos (aluno - aluna, elefante - elefanta), considera-se forma básica e não-marcada, a de uso mais geral, isto é, a que se emprega para indicar a espécie, no caso dos animais, a classe profissional ou outra condição no caso dos seres humanos: aluno e elefante em contextos como a relação aluno-professor, a criação de elefantes incluem aluna e elefanta, o que não se dá no inverso. Exemplo em que as visões diacrônica e sincrônica divergem é viúvo - viúva. Viúva, pelo Aurélio, é anterior a viúvo diacronicamente, sendo que sincronicamente a direção é viúvo - viúva, pois viúvo é o termo mais geral: viúvos abrange viúvo(s) e viúva(s), ao passo que viúvas só se refere ao feminino.

Stepanowa & Fleischer (95) afirmam, do alemão, que na formação de substantivos agentivos podemos ter, num primeiro passo, a formação do masculino (Lehren, "ensinar" - Lehrer "professor") e num segundo passo a formação do feminino (Lehrer + -in = Lehrerin "professora") ou a formação direta do substantivo feminino a partir do verbo: lehren + -erin = Lehrerin. A situação é igual no português: vender + -dor = vendedor, numa primeira etapa, e vendedor + -a, numa segunda, ou vender + -dora = vendedora, o que parece aceitável, pois a forma feminina também pode, na prática, ser formada diretamente do verbo: digitalizar - digitalizadora.

10. Truncamento

Para fatos do inglês como voracious - voracity/ *voraciousity, em

que o substantivo abstrato correspondente a veracious não é formado mediante a adição de -ity à base inteira voracious porém mediante a supressão do sufixo -ous seguida do acréscimo de -ity, Aronoff (40ss.) cria o termo truncamento:

" A rule like this, which deletes the last morpheme of a base before a suffix, is called a rule of truncation".

Mas o que Aronoff (ib.) também aponta, e o que particularmente nos interessa aqui, é que há casos em que a regularidade não é total: various - variety, mas curious - curiosity - no último exemplo -ous, modificado para -os, permanece quando do acréscimo de -ity. No português temos modelos em que os pares ora exibem truncamento ora não: com truncamento: idêntico - identidade, único - unidade; sem truncamento: autêntico - autenticidade, sistemático - sistematicidade - note-se que há, tanto no caso de truncamento como no de ausência de truncamento, mudança do acento -, mas há modelos em que há sempre truncamento: ulyssismo - ulyssista, brizolismo - brizolista, apatia - apático, harmonia - harmônico. Outros exemplos de modelos que exibem as duas possibilidades, embora privilegiem às vezes uma ou outra, são: com truncamento: monotemático - monotematismo, psicodélico - psicodelismo (Folha, 27.10.90, p.E-1), fanático - fanatizar, polêmico - polemizar; sem truncamento: católico - catolicismo, ânglico - anglicismo, ânglico - anglicizar.

Importante parece distinguir, como já se fez na seção anterior, os pares em que não há propriamente uma derivação mas uma alternância de sufixos (aluno - aluna, elefante - elefanta, quercista - quercismo, falador - faladeira), mesmo que se conserve a nomenclatura "derivação", dos pares em que há uma clara direcionalidade, isto é, há um acréscimo ou crescimento no sentido de substância fonológica: desembargador - desembargadora, duque - duquesa, problemático - problematicidade, místico - misticismo. Sobre a manutenção do termo "derivação" diz Matthews (43) com propriedade:

"Despite this we will have to stick with the term 'derivational', simply because (to the writer's knowledge) there appears to be no natural and viable alternative. Like 'morphology' itself, it is an old term which has persisted into a different intellectual climate. But the reader must bear in mind that it is simply a term, meaning 'that branch of lexical morphology which is concerned with formations other than those of compounds'. Any special implications of the root 'derive' should be consciously set aside."

Parece-me, finalmente, útil para o entendimento de termos que são relacionados sem que um se forme pelo acréscimo de sufixo ao outro o que Dardano (68) diz de fatos análogos do italiano:

"Se nel caso di socialista - socialismo la scelta della base non può essere diversa, nel caso di pragmatismo si possono porre come base sia pragmatico sia pragmatista (N e A); in tal modo è forse preferibile parlare di 'circolo della derivazione': i tre termini, che costituiscono un microsistema, sono in rapporto reciproco tra loro."

11. Fim de linha

Uma pergunta que se pode fazer é que afixos, prefixos ou sufixos, constituem normalmente o ponto final do processo derivacional, sendo que também se poderia perguntar que afixos, principalmente sufixos, normalmente não são fim de linha ou do caminho. Para exemplificar o último caso, há a observar que depois de verbos em -izar quase que automaticamente se tem substantivo em -ção (banalização) e depois de verbos em -ecer, substantivos em -mento (embranquecimento). Quanto a ser fim do processo de derivação há a observar, p.ex., que -ismo não permite outro sufixo depois de si

(brizolismo), ao passo que -ista, muito ligado àquele, às vezes permite (sofístico, propagandístico, lingüístico, romanístico). Sufixos de grau não toleram a repetição do mesmo sufixo ou do antônimo (*livrãozão, *livrãozinho), a não ser que tenha ocorrido o processo de opacificação chamado idiomatização ou lexicalização: portãozinho, sacolão. Outro exemplo de ponto final parece ser o sufixo formador de substantivos abstratos (especificidade), sendo que em novidadeiro, em que essa restrição deixou de ser eficaz, temos a deriva semântica de novidade "qualidade do que é novo", sentido abstrato, para novidade "coisa nova", sentido concreto.

No sentido da prefixação, observa-se que os prefixos de semântica negativa des- e in- permitem a anteposição de qualquer um ao outro: indesculpável, desincompatibilização. Prefixos cuja semântica indica intensidade são normalmente o ponto final (megaempresário, supercondutividade, minidesvalorização), sendo que encontramos, no entanto, superminicomputador, tolerado porque mini- indica "tamanho pequeno", ao passo que super- aqui não indica "tamanho grande", porém "capacidade grande", sendo que se ambos os prefixos indicassem simplesmente tamanho, isto é, a mesma coisa, teríamos fato análogo ao dos sufixos de grau, que não se repetem (*livrãozão). Estudo mais completo do que nesta seção apenas se abordou "en passant" provavelmente mostraria envolvimento de aspectos semânticos (não se juntam afixos de idêntica semântica, p.ex.) e sintáticos (a nominalização de verbos, p.ex., é um fato de produtividade lexical muito acentuada).

NOTAS

Abreviações e símbolos usados neste trabalho

1. Aurélio: Novo Dicionário da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Hollanda

Ferreira.

2. Folha: Jornal Folha de São Paulo.
3. DT: determinante: adjunto da estrutura vocabular.
4. DM: determinado: núcleo da estrutura vocabular.

(Recebido em 22/11/90)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARONOFF, M.(1976) *Word-formation in Generative Grammar*. Cambridge/Mass.: MIT Press.
- BASÍLIO, M. (1980) *Estruturas Lexicais do Português: uma Abordagem Gerativa*. Petrópolis: Vozes.
- _____ (1987) *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática.
- DARDANO, M.(1978) *La Formazione delle Parole nell'Italiano di Oggi*. Roma: Bulzoni.
- GAMARSKI, L.(1988) *A Derivação Regressiva: um Estudo de Produtividade Lexical em Português*. Goiânia: CEGRAF.
- LOBATO, L.M.P.(1987) *A Derivação Regressiva em Português: conceituação e tratamento gerativo* (inédito).
- MATTHEWS, P.H. (1974) *Morphology: An introduction to the theory of word-structure*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SANDMANN, A.J. (1989) *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba: Scientia e Labor.
- STEPANOWA, M.D. & W. FLEISCHER (1985) *Fundamentos da Formação de Palavras no Alemão*. Leipzig: Bibliographisches Institut.